

JAIME CRUZ

# ENTRE FRESTAS E HORIZONTES

Uma trajetória de  
Fé, Escolhas difíceis,  
Serviço Público e  
Responsabilidade Social

# ENTRE FRESTAS E HORIZONTES

Uma travessia de vida, fé e serviço público

Jaime Cruz

Vinhedo – SP/ 2026

© 2026 — Jaime Cesar da Cruz

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem autorização expressa do autor, nos termos da Lei nº 9.610/1998.

Título: Entre frestas e horizontes

Subtítulo: Uma travessia de vida, fé e serviço público

Autor: Jaime Cesar da Cruz

Edição: Edição privada

Ano: 2026

Local de publicação: Vinhedo – SP

Esta obra reflete exclusivamente a trajetória, as experiências e as reflexões do autor, não representando, necessariamente, posicionamentos institucionais de órgãos públicos ou privados.

Formato:

– Livro impresso

– E-book (PDF)

Idioma: Português (Brasil)

Classificação:

CDD: 920

# DEDICATÓRIA

À memória de meus pais,  
Orias Rodrigues da Cruz e Ilda Cruz,  
que me ensinaram, sem discursos,  
que dignidade não depende de posses,  
mas de caráter, trabalho e fé.

Aos meus irmãos, em especial a Gilmar Cruz,  
companheiro de caminhada,  
cuja ausência permanece como presença silenciosa  
em cada decisão tomada com responsabilidade.

À minha família, Jaqueline Andréa Cruz e  
meu filho Giovanni Andréa Cruz  
alicerce nos dias de força e abrigo nos dias de fraqueza.  
Sem vocês dois minha vida não seria vida em plenitude.

A todos que caminharam comigo  
nas periferias, nas comunidades,  
nos espaços de serviço público  
e nos ambientes anônimos de escuta, ajuda mútua  
e reconstrução pessoal.

Este livro é, também, de vocês.

# AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, que esteve presente quando nada parecia possível, quando as portas estavam fechadas e quando as respostas ainda não existiam.

Aos meus pais, Orias e Ilda, pela coragem de sobreviver, pela fé simples e inabalável e pela dignidade ensinada no silêncio do exemplo.

Aos meus irmãos e irmãs, com quem dividi o pouco que havia e aprendi, desde cedo, que família é abrigo em tempos de escassez.

À Igreja Católica, que nunca foi apenas um templo, mas um espaço de acolhimento, formação, esperança e missão, especialmente nos momentos em que a vida parecia dura demais.

Às comunidades por onde passei, aos padres, religiosos, lideranças e leigos que me ajudaram a compreender que servir é sempre maior do que aparecer.

Ao povo de Vinhedo, que confiou em mim em diferentes momentos, permitindo que eu aprendesse, errasse, corrigisse e servisse com responsabilidade e ao grande Prefeito Milton Serafim que confiou plenamente na minha história.

Aos companheiros de caminhada, inclusive aqueles que conhecem a dor, a queda e o recomeço, e que me lembram diariamente que viver é uma conquista a cada 24 horas e que o “Só por Hoje” é mais que três palavras, é um compromisso com a vida sóbria.

E a você, leitor, que agora caminha comigo por estas páginas.

Que esta história dialogue com a sua e, de alguma forma, fortaleça a sua própria travessia.

# **SOBRE O AUTOR**

Jaime Cruz construiu uma trajetória pública marcada pela combinação entre experiência prática, formação acadêmica e compromisso com políticas públicas estruturantes.

Sua atuação ao longo das últimas décadas foi pautada pela consistência técnica, pela capacidade de articulação institucional e pela defesa de ações voltadas à promoção da dignidade humana, especialmente nas áreas de habitação, educação e gestão pública.

## **Formação Acadêmica**

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), possui especialização em Filosofia Social pela mesma instituição e formação complementar na área de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pela Universidade de São Paulo (USP).

Sua formação contribuiu para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre ética pública, responsabilidade institucional e o papel do Estado na organização da sociedade.

## **Trajetoira Legislativa**

Foi eleito Vereador de Vinhedo por três mandatos, período em que consolidou sua atuação junto às demandas comunitárias e ao fortalecimento do Legislativo municipal.

Entre 2005 e 2006, exerceu a Presidência da Câmara Municipal, conduzindo ações de modernização administrativa e iniciativas voltadas à aproximação entre o Legislativo e a população.

## **Gestão no Executivo Municipal**

No Executivo, exerceu funções estratégicas em diferentes níveis de responsabilidade.

Foi Secretário Municipal de Habitação entre 1997 e 2004, período em que estruturou políticas habitacionais com foco em planejamento urbano, regularização fundiária e acesso à moradia digna.

Eleito Vice-Prefeito de Vinhedo em 2008 e reeleito em 2012, acumulou a função de Secretário Municipal de Educação entre 2009 e 2013, conduzindo ações de fortalecimento da rede municipal de ensino.

Assumiu a Prefeitura de Vinhedo em 2014, sendo posteriormente eleito para mandato completo (2017–2020). Sua gestão foi marcada por enfrentamento de desafios econômicos, crises institucionais e pela condução de políticas públicas em cenários adversos, mantendo equilíbrio fiscal e continuidade administrativa.

## **Liderança Regional**

Durante o período como Prefeito, exerceu funções de relevância regional, ampliando sua atuação para além dos limites do município:

Presidente do Conselho de Prefeitos da Região Metropolitana de Campinas (RMC);

Presidente da ARES-PCJ (Agência Reguladora dos Serviços de Saneamento das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá);

Presidente da COHAB Campinas;

Presidente do Consórcio Intermunicipal das Frutas, envolvendo dez municípios.

Essas posições reforçaram sua capacidade de articulação intermunicipal e atuação em políticas públicas de alcance regional.

## PREFÁCIO

Recebi o convite para escrever este prefácio com muita honra, mas também com a clareza da responsabilidade que ele carrega.

Acompanho a caminhada de Jaime Cruz faz mais de vinte anos. Vi de perto seus passos na vida pública desde 2004 e, entre 2010 e 2018, estive ao lado dele, na Prefeitura de Vinhedo, em uma equipe que levava a sério a ética e o compromisso com as pessoas. No dia a dia, conheci o homem por trás dos cargos e das decisões.

O livro mostra exatamente esse lado humano. "Entre Frestas e Horizontes" passa longe de ser uma lista de cargos ou grandes feitos. O texto apresenta um relato de vida real, com desafios, escolhas duras e uma fé que serviu de alicerce silencioso em todos os momentos.

Nas próximas páginas, você conhece a história de quem nasceu em condições adversas, enfrentou a escassez, o trabalho precoce e perdas pesadas. Mas, acima de tudo, encontra alguém que tomou decisões. Ele não optou pelo caminho mais fácil, mas sim pelo que fazia sentido, para a sua Vida, para a vida de quem esteve e está ao lado dele.

O Jaime tinha outros rumos possíveis e poderia ter se conformado com o que a vida impôs. Em vez disso, escolheu o estudo, o serviço e o cuidado com o próximo. Decidiu estar presente onde a dor aperta em vez de virar as costas. Essa postura define quem ele é.

Na política, essa coerência virou prática. Como vereador, presidente da Câmara, vice-prefeito, secretário e prefeito, ele ajudou a transformar Vinhedo com um olhar que vai além da técnica e rumo à sensibilidade. Ele nunca se desligou da realidade do povo porque ele mesmo veio de lá.

Mas este relato vai muito além da política. É sobre caráter e valores que não mudam, nem mesmo diante do poder. É sobre a fé no cotidiano, sobre perdas que ensinam e a certeza de que servir vale mais do que aparecer.

A história do Jaime não é fruto do acaso, é o resultado de uma vida inteira de propósitos.

Este não é só o livro de um homem público. É o registro de quem escolheu gostar e cuidar de gente e fez disso um destino. Em um mundo de atalhos, a trajetória dele prova que ainda dá para construir caminhos sólidos. Por isso, é uma história que merece ser contada.

### **Eduardo Gurian**

Jornalista com pós graduação em Marketing e Negócios Internacionais e professor universitário. Soma 22 anos de experiência na comunicação pública, além de atuar como consultor e mestre de cerimônias. É o apresentador do programa de entrevistas Conexões na Rádio Capela FM e no YouTube.



Eduardo Gurian e Jaime Cruz - aniversário no mesmo dia: 26 /06

# APRESENTAÇÃO

Este livro não nasce para exaltar cargos, títulos ou conquistas públicas. Ele nasce para dar sentido a uma travessia que não foi linear, nem previsível.

“Entre Frestas e Horizontes” é o registro de uma vida construída em meio à escassez concreta, à migração forçada, às perdas irreversíveis, ao trabalho precoce e a uma fé que nunca foi discurso, mas sustentação silenciosa.

Não há aqui romantização da pobreza.

Não há narrativa idealizada de superação.

Há realidade.

Há infância marcada por limitações materiais.

Há juventude atravessada por responsabilidades precoces.

Há decisões que exigiram renúncia.

Há perdas que não se superaram — apenas foram assimiladas.

Mas há, sobretudo, escolhas.

Este livro é testemunho de que origem não determina destino, mas molda caráter. E caráter, quando submetido ao exercício do poder, revela-se na forma como decisões são tomadas.

A política, quando reduzida à disputa, empobrece.

Quando compreendida como serviço, transforma.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará não apenas fatos cronológicos, mas processos de amadurecimento. Encontrará um homem que não se tornou público por acaso, mas por consequência de uma trajetória coerente entre vivência e responsabilidade.

Esta obra não busca convencer. Busca registrar.

Não pretende ensinar fórmulas. Pretende compartilhar experiência.

Porque algumas histórias não pedem permissão para existir.

Elas simplesmente atravessam o tempo e deixam marcas.

# INTRODUÇÃO

A história de Jaime Cruz começa muito antes da vida pública.

Muito antes da política.

Muito antes de qualquer reconhecimento institucional.

Ela começa em um rancho simples de madeira, no interior do Paraná, numa manhã fria de 26 de junho de 1968.

Não havia energia elétrica.

Não havia saneamento básico.

Não havia qualquer sinal de estabilidade material.

Havia apenas trabalho duro, família numerosa e uma fé silenciosa que sustentava o invisível.

Segundo sua mãe, Ilda Cruz, naquela manhã os raios de sol atravessavam as frestas das tábuas do rancho antes que o recém-nascido fosse plenamente envolvido pelo calor da casa. A luz entrou antes do menino.

A imagem não permaneceu como metáfora poética. Permaneceu como memória concreta. A casa deixava passar o vento, o frio e a poeira. Também deixava passar a claridade.

Talvez ali estivesse o primeiro aprendizado:

mesmo quando a estrutura é frágil, a luz encontra caminho.

Este livro é o registro fiel de uma vida marcada por deslocamentos geográficos, instabilidade social, responsabilidades antecipadas e decisões que exigiram maturidade antes do tempo.

É a história de alguém que aprendeu cedo que dignidade não depende das circunstâncias, mas das escolhas feitas dentro delas.

Ao longo das páginas seguintes, o leitor encontrará uma trajetória que não busca absolvição nem celebração. Busca compreensão.

Porque entender o percurso é compreender também as decisões que moldaram o legado.

# SUMÁRIO

Dedicatória .....	3
Agradecimentos .....	4
Sobre o autor .....	5
Prefácio .....	7
Apresentação .....	9
Introdução .....	10

## PARTE I — ORIGEM E FORMAÇÃO

Capítulo 1 — A Luz Entre as Frestas .....	12
Capítulo 2 — Trabalho Precoce, Fé e Pertencimento.....	19
Capítulo 3 — A Perda do Pai e o Aumento da Responsabilidade.....	22

## PARTE II — CONSCIÊNCIA E INÍCIO PÚBLICO

Capítulo 4 — A Luta por Moradia, Organização Popular e Despertar Político.....	24
Capítulo 5 — Vereador aos 24 Anos: Quando a Vida Pessoal Entra na Política.....	29

## PARTE III — ESTRUTURA, DOR E CONSOLIDAÇÃO

Capítulo 6 — Formação, Habitação e uma Nova Dor.....	32
Capítulo 7 — Família, Retorno à Câmara e Construção da Maturidade Pública.....	36

## PARTE IV — GESTÃO E RESPONSABILIDADE

Capítulo 8 — Vice-Prefeitura, Educação e o Desafio de Governar com Propósito.....	41
Capítulo 9 — Prefeitura, Crise e Responsabilidade Histórica.....	46

## PARTE V — SÍNTESE E LEGADO

Capítulo 10 — Fé, Serviço e Legado.....	54
Encerramento.....	56
Conclusão — Entre frestas e Horizontes .....	57

# PARTE I — ORIGEM E FORMAÇÃO

## Capítulo 1 — A Luz Entre as Frestas

A história de Jaime Cesar da Cruz não começa na política. Não começa em plenários ou gabinetes. Começa em um rancho de madeira, no interior do Paraná, numa manhã fria de 26 de junho de 1968.

Não havia energia elétrica. Não havia saneamento. Não havia qualquer estrutura que sugerisse estabilidade. Havia apenas o essencial — e, muitas vezes, nem isso.

Segundo sua mãe, Ilda, naquela manhã os primeiros raios de sol atravessaram as frestas das tábuas antes mesmo que o recém-nascido fosse plenamente envolvido pelo calor humano da casa. A luz entrou antes do menino.

A lembrança permaneceu na memória familiar não como metáfora, mas como fato. A casa deixava passar o vento, o frio e a poeira. Também deixava passar a claridade. Décadas mais tarde, essa imagem se tornaria símbolo de uma vida construída não apesar das frestas, mas a partir delas.

Jaime nasceu no distrito de Rosário, então pertencente ao município de Grandes Rios, no Estado do Paraná — local que mais tarde se tornaria o município de Rosário do Ivaí, nomeado em referência ao rio que corta a região e marca sua identidade geográfica.

Naquele final da década de 1960, Rosário era essencialmente rural. A economia baseava-se na agricultura de subsistência, com poucas oportunidades e infraestrutura praticamente inexistente. A realidade era simples, dura e direta.

Era o sétimo filho de Orias Rodrigues da Cruz e Ilda do Espírito Santo, que após o casamento passou a assinar Ilda Cruz, conforme os costumes da época. O casal teve dez filhos. Crescer naquele ambiente significava dividir tudo — espaço, comida, responsabilidades e silêncio.

A casa era um rancho de madeira, com paredes feitas de tábuas simples, por onde o vento e a luz circulavam livremente. A água vinha de minas ou

de poços improvisados. À noite, a iluminação era feita por lamparinas ou velas. O silêncio do campo era interrompido apenas pelos sons do trabalho e pelo cansaço acumulado de um dia inteiro na lavoura.

O pai, Orias, trabalhava na agricultura e frequentemente passava a semana fora, em empreitadas. Retornava apenas nos fins de semana. A ausência era parte da rotina. A sustentação da casa recaía, com firmeza silenciosa, sobre sua mãe Ilda com disciplina, fé e resistência.

A infância de Jaime foi marcada por dificuldades concretas. A escassez não era conceito; era realidade. Muitas vezes faltava comida. Aos sete anos de idade, precisou ser internado por três dias devido a fortes dores abdominais. O diagnóstico foi direto: verminoses decorrentes de desnutrição — situação comum entre crianças pobres do meio rural naquele período.

Esse episódio não foi apenas um problema de saúde. Foi um retrato da condição social em que vivia.

Ainda assim, não houve revolta. Houve resistência.

A fé católica era presença constante na vida da família. Missas, celebrações simples e encontros comunitários faziam parte da rotina. A Igreja não era apenas um espaço de culto; era lugar de pertencimento e sustentação moral. Ali se consolidou uma convicção que acompanharia toda a trajetória posterior: a fé não elimina o sofrimento, mas oferece sentido para atravessá-lo.

Com o passar dos anos, Jaime compreenderia que sua formação não havia sido construída em meio a facilidades, mas em meio a limites. E foi justamente nesses limites que se consolidaram valores que permaneceriam inegociáveis: dignidade, responsabilidade, senso de coletividade e confiança em Deus.

Aquela luz que atravessou as frestas do rancho no dia de seu nascimento não foi apenas um detalhe da memória materna. Tornou-se símbolo silencioso de uma vida inteira.

Uma existência construída não apesar das frestas, mas a partir delas.

## ROSÁRIO DO IVAÍ/PR - 2022



(Foto: Facebook Claudenil Moraes)



Um rancho muito simples, onde as luzes entravam pelas frestas



Praça central Rosário do Ivaí - 1970 - Única foto de Jaime criança no colo de sua mãe ao lado de seu pai

A infância em Rosário do Ivaí não foi interrompida por escolha. Foi interrompida por necessidade.

No final da década de 1970, permanecer no campo já não garantia sustento. A agricultura de subsistência tornava-se cada vez mais insuficiente para uma família numerosa que dependia exclusivamente da força física do pai. O trabalho era duro, o retorno incerto, e o horizonte começava a se estreitar.

Migrar não foi um projeto. Foi uma decisão imposta pela realidade.

Jaime tinha cerca de dez anos quando a família iniciou o primeiro grande deslocamento: deixar o interior do Paraná e seguir para Ponta Grossa. A cidade, maior e mais próxima da capital Curitiba, representava, ao menos em teoria, a possibilidade de trabalho mais estável.

A viagem foi, por si só, um retrato da condição em que viviam. Jaime, seus irmãos e outros familiares seguiram na carroceria de um caminhão FNM, cobertos por lona, para evitar problemas com fiscalização nas estradas. Foram aproximadamente sete horas de percurso entre poeira, silêncio e expectativa contida.

Não havia planejamento detalhado. Havia urgência.

Para uma criança, a mudança poderia ser aventura. Para aquela família, era sobrevivência.

Em Ponta Grossa, a realidade mostrou-se mais dura do que a expectativa. A família passou a viver em uma favela, em condições extremamente precárias. As moradias eram improvisadas com restos de madeira e lona preta. O chão era de terra batida. Quando chovia, a água entrava.

Quando fazia frio, o frio não era apenas temperatura, era presença constante.

A dignidade precisava ser defendida diariamente.

O pai, Orias, passou a trabalhar no corte de madeira, especialmente de pinus, para empresas de celulose. Era um trabalho pesado, distante de casa e mal remunerado. Muitas vezes permanecia semanas fora, dormindo no próprio local de serviço. A ausência paterna deixava de ser circunstancial e tornava-se estrutural.

Ilda assumia novamente a condução da casa.

Mesmo diante das dificuldades, houve uma decisão que nunca foi negociada: a educação dos filhos. A mudança respeitou o calendário escolar para que as crianças não perdessem o ano letivo. Não era ingenuidade. Era visão. Ilda compreendia que o estudo poderia abrir portas que o trabalho braçal jamais abriria.

Jaime começou a assumir responsabilidades ainda mais cedo. Caminhava longas distâncias, ajudava em casa e aprendia que sobrevivência não era ato individual, mas esforço coletivo. Aos domingos, percorria cerca de três quilômetros sozinho para participar da missa. A fé era o único espaço onde encontrava ordem, silêncio e sentido em meio ao caos cotidiano.

Mas Ponta Grossa não representou estabilidade. O trabalho continuava instável, o custo de vida alto e as perspectivas limitadas. A permanência ali tornou-se insustentável.

Surge então uma nova decisão: migrar novamente.

Em julho de 1979, a família Cruz decide seguir para o interior de São Paulo — destino: Vinhedo.

Mais uma vez, não era desejo. Era necessidade.

Para viabilizar as passagens de ônibus, Jaime e o irmão Gilmar passaram a catar alumínio pelas ruas. O gesto, simples e duro, carregava algo maior: cada lata recolhida representava possibilidade de recomeço.

A viagem ocorreu durante a noite. Poucas roupas, organizadas em sacos de pano. Quase nenhum dinheiro. E muita fé. Ao chegarem em Campinas, ainda precisaram pegar outro ônibus até Vinhedo. O destino final não oferecia garantias. Oferecia apenas tentativa.

Já em Vinhedo, no mesmo mês de julho, Jaime foi matriculado imediatamente na escola para concluir a antiga quarta série. No dia seguinte, o pai começou a trabalhar como faxineiro em uma empresa. Sem perder tempo, Orias construiu, com madeira reaproveitada, a nova moradia da família: o barraco 27-C, na antiga favela do Jardim Três Irmãos.

O barraco tinha cerca de 15 metros quadrados. Não havia água encanada nem energia elétrica. A água era buscada em torneira coletiva, iluminação vinha de velas e lamparinas. No primeiro mês, a família sobreviveu graças à cesta básica dos Vicentinos, além de uma cama e um guarda-roupa doados.

Apesar das limitações, aquele espaço representava algo fundamental: permanência.

Em Vinhedo, a família começaria a construir raízes. Ali, Jaime deixaria de ser apenas um menino migrante para, aos poucos, tornar-se parte ativa de uma comunidade. A migração havia terminado.

A travessia, não.



Barraco 27-C, Jardim Três Irmãos — primeiro endereço da família em Vinhedo



Ilustração Favela Jardim Três Irmãos - Vinhedo/SP



Gilmar Cruz, Adriano de Souza, Jaime, Vanilda e Valdir Cruz  
1981 - ao fundo as "casas próprias" - Três Irmãos - em construção  
Hoje: ao fundo, Praças, escolas e Unidade de Saúde

## Capítulo 2 — Trabalho Precoce, Fé e Pertencimento

A chegada a Vinhedo não significou estabilidade. Significou recomeço. E recomeços raramente são suaves.

A família estava instalada no barraco 27-C, no Jardim Três Irmãos. O espaço era pequeno, improvisado, vulnerável. Mas havia algo novo ali: permanência. Pela primeira vez, a migração parecia não ser apenas passagem.

A sobrevivência, contudo, continuava exigindo esforço coletivo.

Jaime ainda era criança, mas compreendia com clareza que cada membro da família precisava contribuir. O trabalho precoce entrou definitivamente em sua rotina. Passou a vender sorvetes pelas ruas do bairro, caminhando sob o sol com uma caixa térmica simples, batendo de porta em porta. O dinheiro não era para lazer. Era para material escolar, para complementar despesas básicas, para aliviar a pressão dentro de casa.

Não havia espaço para supérfluos. Havia prioridade.

Também atuou como servente de pedreiro, fez pequenos serviços, vendeu produtos em circos itinerantes e trabalhou como office-boy, os chamados “guardinhas”. A infância foi encurtada pela necessidade, mas não pela perda de valores.

Grande parte das roupas da família vinha de bazares organizados pela Igreja Católica. Longe de gerar constrangimento, aquilo produzia algo diferente: gratidão e pertencimento. A ajuda não era caridade distante; era cuidado comunitário.

E foi ali que a Igreja deixou de ser apenas espaço religioso e passou a ser território de formação.

No próprio barraco da família começaram a acontecer círculos bíblicos e terços. As reuniões eram simples — cadeiras improvisadas, vozes contidas, fé compartilhada. Não havia estrutura sofisticada. Havia presença.

A Igreja não era ornamento da vida. Era eixo.

Jaime começou a frequentar a Comunidade Nossa Senhora Aparecida, no próprio Jardim Três Irmãos. Ali, encontrou algo que até então a vida não havia oferecido com estabilidade: identidade.

Na fé, ele não era o menino do barraco. Era membro de uma comunidade. Aos quinze anos, influenciado pelo pai, que tocava violão, viola, cavaquinho e acordeon, iniciou sua participação na música litúrgica. Aprendeu observando, insistindo, errando e tentando novamente. Passou a tocar violão nas missas. A música tornou-se mais que expressão artística — tornou-se serviço.

Com o irmão Gilmar, fundou o primeiro Ministério de Música da comunidade. Durante quase vinte anos, serviram em missas, encontros e celebrações em diversas comunidades de Vinhedo. Não havia palco. Havia altar. E o altar exigia responsabilidade diferente da visibilidade.

A música ensinou disciplina. A liturgia ensinou limite. O serviço ensinou humildade.

Paralelamente, Jaime iniciou sua atuação como catequista de adolescentes, função que exerceu por nove anos. Ali aprendeu a escutar histórias difíceis, a orientar jovens em situações de vulnerabilidade e a falar em público com responsabilidade.

Sem perceber, estava sendo preparado para liderar — não pela imposição, mas pela escuta.

A Igreja ofereceu algo que nenhum cargo público poderia oferecer: interioridade.

Foi ali que ele aprendeu que autoridade não nasce da posição, mas da coerência. Que liderança não se impõe; se constrói. Que servir é maior do que aparecer.

Anos mais tarde, já em funções públicas de destaque, essa formação espiritual funcionaria como contraponto ao poder. A fé não o afastou da realidade. Ao contrário, o aproximou das dores concretas.

No ambiente eclesial, Jaime compreendeu algo essencial: ninguém se sustenta sozinho.

A comunidade não era apenas lugar de oração. Era rede de apoio, espaço de organização, ambiente de consciência social. A luta por dignidade começava ali, em pequenos gestos, antes de ganhar forma política.

Enquanto a vida exigia trabalho precoce e responsabilidade adulta, a fé oferecia eixo.

E talvez tenha sido nesse equilíbrio — esforço e espiritualidade, sobrevivência e serviço — que começou a se formar não apenas o homem público, mas o homem.

A vida avançava com esforço, fé e responsabilidade.

Mas uma ruptura profunda estava prestes a acontecer.



**Retiro de Jovens - Mosteiro de São Bento - Vinhedo  
Siloé - Março/1991**

## Capítulo 3 — A Perda do Pai e o Aumento da Responsabilidade

Agosto de 1987.

A notícia não veio como surpresa absoluta. Veio como confirmação de algo que já se anunciava silenciosamente: o câncer no estômago de Orias avançava com rapidez.

A doença foi direta, agressiva e breve. Não houve longo tempo de adaptação. Houve aceleração da realidade.

Orias tinha 52 anos.

Jaime, 19.

A perda do pai não foi apenas emocional. Foi estrutural.

Até então, mesmo com ausências frequentes por causa do trabalho, Orias representava o eixo simbólico da família — referência masculina, limite, autoridade e proteção. Sua morte deixou um vazio que não se media apenas pela dor, mas pela responsabilidade que imediatamente se reorganizava dentro de casa.

A vida adulta não pediu licença.

Jaime compreendeu, sem que ninguém precisasse dizer, que algo mudava definitivamente. Não havia espaço para paralisação. A mãe precisava de apoio. Os irmãos precisavam de estabilidade. A casa precisava continuar funcionando.

Interrompeu os estudos do antigo colegial. Não por desinteresse. Por necessidade.

Não houve revolta contra o destino. Houve decisão prática. Trabalhar tornou-se prioridade absoluta. O luto precisou conviver com a urgência.

Antes de falecer, Orias havia participado de uma reunião do movimento pela moradia em Vinhedo. Trouxe para casa uma ficha de inscrição e pediu a Jaime que se envolvesse na luta por moradia.

O pedido não era político. Era existencial.

Atender àquele pedido significava assumir uma causa que dialogava diretamente com a própria história da família. Jaime ingressou na Associação dos Sem Casa de Vinhedo, que reunia cerca de mil famílias em situação de vulnerabilidade habitacional.

Ele não chegou como líder.

Chegou como igual.

Sabia, por experiência própria, o que significava viver sem água encanada, sem segurança estrutural, sem garantia de permanência. Sabia o peso da instabilidade.

A dor pessoal começava a se transformar em consciência social.

A morte do pai produziu algo paradoxal: fragilidade íntima e fortalecimento público. O sofrimento não gerou isolamento; gerou responsabilidade ampliada.

Anos depois, ao revisitar aquele período, Jaime sintetizaria com serenidade:

“Ali eu entendi que ninguém nos prepara totalmente para a perda. Mas a perda nos prepara para a responsabilidade.”

O luto não foi teatral. Foi silencioso. A fé, que já ocupava espaço central na vida, tornou-se ainda mais interior. A ausência de Orias não apagou sua influência. Ao contrário, tornou-se permanente.

A vida seguia exigindo decisões.

E Jaime começava a entender que maturidade não é escolha de tempo. É imposição de circunstância.



## PARTE II — CONSCIÊNCIA E INÍCIO PÚBLICO

### Capítulo 4 — A Luta por Moradia, Organização Popular e Despertar Político

A entrada na Associação dos Sem Casa não foi um movimento ideológico. Foi a continuidade da própria história.

Jaime não precisava que lhe explicassem o que significava viver sem estrutura. Ele conhecia o peso da instabilidade. Conhecia o impacto de depender de favor. Conhecia o desconforto de não ter endereço definitivo.

A associação reunia cerca de mil famílias em situação de vulnerabilidade habitacional. As reuniões eram longas, intensas e, muitas vezes, tensas. Havia esperança, mas também desconfiança. Havia urgência, mas também frustração acumulada por promessas não cumpridas.

Ali, Jaime começou a compreender algo essencial: a pobreza não é apenas falta de renda. É ausência de política pública estruturada.

A organização popular exigia método. Não bastava indignação. Era preciso organização, disciplina e estratégia. Era necessário transformar necessidade em pauta concreta.

A experiência religiosa anterior ajudava. A escuta aprendida na catequese, o senso de comunidade formado na Igreja e a disciplina adquirida na música litúrgica encontravam ali novo espaço de aplicação. Em 1991, aos 22 anos, Jaime foi eleito Presidente da Associação dos Sem Casa de Vinhedo. Não era o mais velho. Não era o mais experiente. Mas era alguém que transitava com naturalidade entre dor e organização.

Passou a conduzir assembleias numerosas, negociar com o poder público, organizar cadastros e estruturar reivindicações. A luta deixava de ser apenas emocional e ganhava forma institucional.

A pressão era constante. Famílias cobravam respostas. O poder público exigia formalidade. O risco de frustração era permanente.

Foi nesse ambiente que se consolidou uma compreensão que o acompanharia por toda a vida pública: liderar não é impor. É organizar o caos sem perder a serenidade.

Em 1992, o esforço coletivo produziu um resultado histórico: nasceu o Residencial Jardim Nova Canudos, com 242 terrenos construídos em regime de mutirão pelas próprias famílias.

O nome não foi casual. A referência à comunidade de Canudos, destruída em 1897, simbolizava resistência popular e reconstrução.

Não se tratava apenas de casas. Tratava-se de pertencimento.

A construção em mutirão não era apenas solução técnica. Era pedagogia coletiva. Cada família carregava tijolos, levantava paredes e construía o próprio espaço com as próprias mãos. Aquela experiência ensinava algo que ultrapassava a habitação: cidadania se constrói participando.

Enquanto isso, Jaime conciliava a atuação na associação com trabalho formal como apontador de produção em uma empresa de recapagem de pneus. O equilíbrio entre sustento pessoal e militância social exigia disciplina constante.

A participação na Igreja permanecia ativa. Atuava com jovens junto aos monges beneditinos do Mosteiro de São Bento, em Vinhedo, e integrou por mais de cinco anos a Equipe Arquidiocesana da Campanha da Fraternidade, na Arquidiocese de Campinas.

A formação espiritual continuava alimentando a formação social.

Concluiu o Ensino Médio pelo supletivo — hoje EJA — demonstrando que a educação seguia como prioridade pessoal. A política começava a se desenhar, mas ainda não era um projeto eleitoral. Era consequência de envolvimento.

Foi nesse contexto que surgiu a pergunta que alteraria o rumo da trajetória.

Durante uma das edições da Campanha da Fraternidade, cujo tema era “Juventude: Caminho Aberto”, o pároco Padre João de Abreu lhe fez uma pergunta simples e direta:

— Por que você não se candidata a vereador?

Padre João de Abreu. A pergunta que alterou a trajetória.



Início dos anos de 1990, Jaime Cruz com o Padre João de Abreu na Comunidade N.Sª Aparecida - Jd 3 Irmãos/Vinhedo

A pergunta não foi recebida com entusiasmo imediato. Foi recebida com inquietação.

Jaime enumerou mentalmente os impedimentos: juventude, poucos recursos financeiros, origem humilde, histórico de favela, ausência de sobrenome tradicional e formação ainda em andamento.

O padre respondeu com serenidade:

— Se você não ocupar esse espaço, outro ocupará. E não será melhor nem pior. Será apenas diferente.

A frase não soava como incentivo político. Soava como responsabilidade histórica.

Ali, pela primeira vez, a política institucional deixou de parecer distante. A luta por moradia já era política. A organização comunitária já era política. A diferença agora seria ocupar formalmente o espaço de decisão.

A consciência social começava a encontrar estrutura política.

A dor do passado estava se transformando em proposta de futuro.

Mutirão e Residencial Jardim Nova Canudos. Organização popular transformada em política pública.



Em 1988 Jaime já estava na equipe de organização para o mutirão para limpeza do terreno: Jardim Nova Canudos



Jardim Nova Canudos - 1991



Formação Campinas década de 1990 - Jaime Cruz sempre esteve no serviço da comunidade religiosa



Missa Campal e reunião - Jd São Thomé 1995  
A luta pela moradia sempre foi pauta de Jaime Cruz

## Capítulo 5 — Vereador aos 24 Anos: Quando a Vida Pessoal Entra na Política

O convite para disputar uma eleição não foi recebido com entusiasmo imediato. Foi recebido com inquietação.

Até então, a atuação de Jaime estava ancorada na organização popular, na Igreja e na luta concreta por moradia. A política institucional parecia um território distante — quase reservado a perfis específicos, sobrenomes tradicionais e estruturas financeiras consolidadas.

Quando Padre João de Abreu lhe perguntou por que não se candidatava a vereador, a resposta foi quase automática. Enumerou mentalmente os impedimentos: juventude excessiva, poucos recursos, origem humilde, histórico de favela, pouca visibilidade pública e a recente perda do pai.

Nada ali parecia encaixar no perfil tradicional de um candidato.

Mas havia algo que não podia ser ignorado: representatividade.

A resposta do padre foi simples e definitiva:

— Se você não ocupar esse espaço, outro ocupará.

A frase não foi compreendida como incentivo pessoal. Foi entendida como responsabilidade coletiva.

Jaime começou a perceber que sua ausência também seria uma escolha. E que a política institucional, goste-se ou não dela, é o espaço onde decisões são formalizadas.

A candidatura foi lançada nas eleições de 1992. Ele tinha 23 anos.

A campanha não teve grandes estruturas. Foi construída com esforço familiar e apoio de amigos da comunidade. Um pequeno jornal contava sua história. As bandeiras foram costuradas por sua mãe, Ilda, e pintadas pelo irmão João. As camisetas eram vendidas para financiar a própria campanha.

Não havia marketing sofisticado. Havia presença.

As reuniões aconteciam em casas, salões comunitários e igrejas. A narrativa não prometia o impossível. Prometia compromisso com aquilo que já havia sido vivido: moradia digna, escuta comunitária e responsabilidade pública.

A campanha foi artesanal. E, justamente por isso, autêntica.



Campanha de 1992. Construída com apoio familiar e comunitário.

No dia da apuração, ainda realizada com cédulas de papel, Jaime acompanhou a contagem sentado na arquibancada de uma quadra esportiva. Não havia expectativa de vitória confortável. Havia serenidade. O resultado surpreendeu.

Com 285 votos, tornou-se o terceiro vereador mais votado da cidade.

A comemoração aconteceu na quermesse da Igreja São Benedito, ao lado do Padre João de Abreu, familiares e amigos. Não houve celebração extravagante. Houve gratidão.

Em janeiro de 1993, assumiu o mandato.

A Câmara Municipal funcionava exatamente na frente do local onde, anos antes, sua família havia desembarcado ao chegar a Vinhedo. O espaço físico era o mesmo. A posição social, completamente distinta.

O simbolismo era incontornável.

Ao atravessar aquela porta como vereador, não carregava apenas um diploma eleitoral. Carregava a história de quem conhecia, por experiência própria, as camadas mais vulneráveis da cidade.

Durante os primeiros meses de mandato, deslocava-se de ônibus até a Câmara Municipal. Mais tarde, conseguiu financiar um Fusca azul claro, ano 1971. Não era detalhe material; era retrato de processo.

O jovem vereador compreendia que a política institucional exigia mais do que boa intenção. Exigia técnica, responsabilidade e serenidade diante de pressões.

A vida pessoal entrava definitivamente na política.

E, naquele momento, ele começava a entender que ocupar o cargo não era o ápice — era o início de uma nova forma de responsabilidade.



## PARTE III — ESTRUTURA, DOR E CONSOLIDAÇÃO

### Capítulo 6 — Formação, Habitação e uma Nova Dor

Assumir o mandato de vereador não significou acomodação. Significou ampliação de responsabilidade.

Jaime compreendia que boa intenção não sustenta política pública. Era necessário fundamento. Era preciso método. O exercício do poder exigia mais do que experiência comunitária — exigia reflexão crítica.

Foi nesse contexto que ingressou no curso de Filosofia da PUC Campinas, concluído em 1996. A escolha não foi casual. A filosofia oferecia instrumentos para pensar o ser humano, a ética, os limites do poder e a responsabilidade pública.

Mais do que obter um diploma, buscava estrutura intelectual.

Era o primeiro dos irmãos a conquistar um curso superior. A formação acadêmica representava não apenas avanço pessoal, mas símbolo de superação coletiva. A educação, que sua mãe sempre insistira em preservar, agora produzia resultado concreto.

Em 1996, foi reeleito vereador, consolidando sua presença no Legislativo municipal. O reconhecimento popular aumentava a visibilidade — e também o grau de cobrança.

Nos anos seguintes, sua atuação pública passou a ser percebida não apenas como representatividade comunitária, mas como contribuição institucional estruturada. O trabalho desenvolvido na Câmara e nas pautas sociais ampliava seu espaço político e administrativo.

No início de 1997 recebeu convite decisivo: licenciar-se da Câmara para estruturar e assumir a recém-criada Secretaria Municipal de Habitação de Vinhedo, lá permaneceu de março de 1997 a março de 2004.

A decisão não foi apenas política. Foi coerência de trajetória.

Habitação não era pauta abstrata para Jaime. Era vivência. Era história familiar. Era experiência concreta.

À frente da Secretaria, passou a estruturar uma política municipal de habitação até então inexistente de forma organizada e técnica. Não se tratava apenas de distribuir lotes, mas de planejar urbanização, infraestrutura, regularização e sustentabilidade.

Durante sua gestão, foram implantados mais de mil lotes urbanizados e viabilizados 384 apartamentos, cooperativas habitacionais receberam apoio técnico e plantas econômicas e assistência especializada passaram a orientar famílias de baixa renda.

O objetivo não era apenas construir casas.

Era construir cidade.

Habitação digna significa endereço, pertencimento, segurança jurídica e acesso a serviços públicos. A experiência administrativa consolidou uma convicção que o acompanharia nos anos seguintes: política pública exige planejamento, transparência e responsabilidade fiscal.

Mas a vida, que raramente caminha em linha reta, impôs novamente uma ruptura.

No ano 2000, Jaime optou por não disputar a eleição. O projeto político familiar estava voltado à candidatura de seu irmão Gilmar Cruz, companheiro inseparável de militância social e religiosa.

Gilmar não era apenas irmão. Era parceiro de caminhada, de música, de fé e de organização comunitária.

A expectativa era que aquele ciclo político fosse continuidade natural de um trabalho coletivo.

Mas em agosto de 2000, Gilmar faleceu aos 29 anos, vítima de pancreatite. A notícia interrompeu não apenas um projeto político. Interrompeu um vínculo fraterno profundo.

A dor não foi pública. Foi íntima.

Jaime havia aprendido a lidar com responsabilidade e pressão institucional. Mas nenhuma função pública prepara alguém para perder um irmão.

A ausência produziu silêncio. Durante meses, o ritmo da vida desacelerou. A política deixou de ser centro. A família tornou-se prioridade. O luto foi vivido com sobriedade, mas com intensidade.

Anos depois, ele resumiria:

“Algumas perdas não se superam. Aprende-se a caminhar com elas.”

Se a formação acadêmica ofereceu fundamento intelectual, e o reconhecimento institucional trouxe legitimidade pública, a perda de Gilmar ofereceu profundidade humana.

E ambas as dimensões moldaram um homem público mais consciente dos limites do poder.

Gilmar Cruz. Irmão, parceiro e presença constante na trajetória até 2000



Em 2001, a Câmara Municipal de Vinhedo concedeu-lhe o Título de Cidadão Vinhedense. A honraria tinha significado especial. Jaime não havia nascido na cidade. Chegara ali como migrante, morador de favela, filho de trabalhadores rurais. Receber oficialmente o reconhecimento da cidade que o acolheu representava mais do que uma homenagem simbólica.

Era o encontro entre origem e pertencimento.

Aquele diploma não apagava o passado — confirmava a travessia.



2001 — Recebimento do Título de Cidadão Vinhedense.

Reconhecimento institucional da cidade que se tornou sua base de vida pública.

## Capítulo 7 — Família, Retorno à Câmara e Construção da Maturidade Pública

Após o período de luto pela perda de Gilmar, a vida exigiu reorganização. A política não foi abandonada, mas deixou de ocupar o centro exclusivo das decisões. A experiência da dor produziu amadurecimento silencioso. O tempo ensinava que liderança pública só se sustenta quando existe base pessoal sólida.

Em 2001, Jaime casou-se com Jaqueline Andréa Cruz, jovem de Jundiaí/SP. O casamento não representou apenas união afetiva. Representou estabilidade emocional e construção de projeto comum.

A vida pública exige exposição, pressão e renúncias. O matrimônio trouxe equilíbrio. Trouxe parceria. Trouxe refúgio.

A família passou a ser espaço de reconstrução interior e também de fortalecimento para novos desafios institucionais.



No dia 14/09/2001 Jaime e Jaqueline se casam em Jundiaí

2001 — Casamento com Jaqueline Andréa Cruz. Estabilidade e parceria na vida pública.

Em 2 de março de 2003, nasceu seu único filho, Giovanni Andréa Cruz. A paternidade redefiniu prioridades. O tempo passou a ser percebido de forma diferente. Decisões públicas ganharam dimensão ainda mais concreta: o futuro deixava de ser abstração política e tornava-se herança geracional.

Ser pai ampliou o senso de responsabilidade. O discurso sobre cidade, educação e políticas públicas deixava de ser apenas administrativo — tornava-se compromisso com a próxima geração.



Dia 02/03/2003 - Nasceu Giovanni, único filho de Jaime e Jaqueline  
“A paternidade como novo eixo de responsabilidade”.

Em 2004, Jaime retornou à Câmara Municipal como o segundo vereador mais votado, com 713 votos. O resultado não representava apenas vitória eleitoral. Representava confiança renovada da população após experiência no Executivo.

O retorno ao Legislativo ocorria sob nova perspectiva. Já não era o jovem vereador da primeira eleição. Era gestor que havia experimentado a complexidade da administração pública.

Em 2005, foi eleito Presidente da Câmara Municipal para o biênio 2005/2006.

A presidência representava mais que cargo simbólico. Exigia condução institucional, diálogo com vereadores de diferentes posições e responsabilidade administrativa.

Durante sua gestão, promoveu modernização administrativa, ampliação do prédio da Câmara e criação do programa “Câmara nos Bairros”, iniciativa que aproximava o Legislativo das comunidades e ampliava a participação popular.

O objetivo era claro: fortalecer a instituição e aproximá-la da realidade da população.

A experiência na presidência consolidou traço marcante de sua liderança: governar exige equilíbrio entre técnica e humanidade.

Decidir com base em dados, mas nunca sem pessoas.

A maturidade pública não se constrói apenas pela experiência acumulada, mas pela capacidade de integrar vida pessoal e responsabilidade institucional.

Aquele jovem que um dia atravessara a cidade de ônibus para assumir o primeiro mandato agora conduzia o Legislativo municipal.

A trajetória deixava de ser promessa e tornava-se consolidação.

# 14ª Legislatura

JANEIRO DE 2005 - DEZEMBRO DE 2008



Presidente

**JAIME CÉSAR DA CRUZ**

1º DE JANEIRO DE 2005 A  
31 DE DEZEMBRO DE 2006

2005/2006 — Presidência da Câmara Municipal de Vinhedo. Consolidação institucional e modernização administrativa.

Se a formação acadêmica havia oferecido fundamento, e a experiência executiva consolidado técnica, o retorno à Câmara e a presidência representaram maturidade política.

Família e instituição passaram a caminhar em paralelo.

E essa base seria determinante para o ciclo seguinte.

Jaime passou a defender, com mais clareza, que governar é decidir com base em dados, mas nunca sem pessoas. Essa síntese, técnica com humanidade, tornou-se sua marca.

## Vereadores criam programa “Câmara no Bairro”

*Proposta é de autoria do vereador Jaime Cruz e leva serviços e debates às regiões da cidade*

De autoria do vereador Jaime Cruz, a iniciativa tem como objetivo descentralizar as ações do Legislativo, ouvindo as reivindicações da população e discutindo soluções para os principais problemas de cada região.

O projeto prevê reuniões periódicas nos bairros, com a participação de vereadores, lideranças comunitárias e moradores.

JORNAL DE VINHEDO – 22/01/2005

### Jaime Cruz propõe a criação de plano de enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes

Proposta apresentada na Câmara prevê ações integradas entre poder público, entidades e sociedade para combater e prevenir a violência infantojuvenil no município.

JORNAL DE VINHEDO – 18/02/2005

### Moradores de Vinhedo reivindicam a Jaime Cruz melhorias em alguns bairros da cidade

Presidente da Câmara recebe lideranças comunitárias e se compromete a encaminhar as principais demandas nas áreas de infraestrutura, saúde, segurança e transporte.

JORNAL DA CIDADE – 15/04/2005

### Jaime Cruz promove debate sobre Políticas Públicas para a juventude

Encontro reúne jovens, autoridades e especialistas para discutir propostas e ouvir sugestões voltadas à melhoria da qualidade de vida da juventude de Vinhedo.

JORNAL DE VINHEDO EM FOLHA – 09/04/2005

### Jaime Cruz elabora relatório para propor medidas em atenção à criança e adolescente

Documento reúne sugestões e encaminhamentos para políticas públicas voltadas à proteção e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes de Vinhedo.

JORNAL DE VINHEDO – 20/08/2005

### Câmara implanta sistema de coleta seletiva

Iniciativa da presidência da Casa coloca em prática medidas de preservação do meio ambiente e de conscientização dos servidores e da população. O programa inclui a separação de materiais recicláveis e parcerias com cooperativas da cidade.

JORNAL DE VINHEDO – 14/05/2005

### Violência doméstica – a importância da denúncia e conscientização

Presidente da Câmara destaca a necessidade de quebrar o silêncio e oferece apoio às vítimas, reforçando a importância das campanhas educativas e da rede de proteção.

JORNAL DE VINHEDO – 23/06/2005

### 25% dos partos em Vinhedo são realizados em menores de 18 anos, alerta Jaime Cruz

Dados preocupantes apontam para a gravidez precoce no município. Presidente da Câmara defende políticas públicas de prevenção e orientação aos jovens e às famílias.

JORNAL DE VINHEDO – 12/08/2005

### Capela sedia Justiça Itinerante e Câmara no Bairro no próximo sábado

Ação conjunta levará serviços do Judiciário e do Legislativo à população do bairro, aproximando o cidadão das instituições e facilitando o acesso à justiça.

JORNAL DE VINHEDO – 13/08/2005

## PARTE IV — GESTÃO E RESPONSABILIDADE

### Capítulo 8 — Vice-Prefeitura, Educação e o Desafio de Governar com Propósito

Em 2008, Jaime Cruz foi eleito Vice-Prefeito de Vinhedo.

A eleição não representava apenas vitória política. Representava ampliação significativa de responsabilidade. A função de Vice-Prefeito exigia capacidade de articulação, leitura estratégica de cenário e preparo para assumir, a qualquer momento, a condução do Executivo.

Paralelamente, assumiu a Secretaria Municipal de Educação.

A Educação não é uma pasta comum. Ela sustenta o futuro. Governar a Educação significa interferir diretamente na formação de gerações.

Ao assumir a secretaria, encontrou uma rede que exigia reorganização administrativa, planejamento de longo prazo e valorização profissional. Não se tratava apenas de ampliar vagas ou construir prédios escolares. Era necessário reposicionar a Educação como eixo estruturante do desenvolvimento municipal.

Desde o início, adotou postura clara:

Educação não é custo. É investimento.

Essa premissa orientou decisões orçamentárias, planejamento pedagógico e políticas de valorização dos profissionais da rede.

Durante sua gestão, foram implementadas ações estruturantes:

Ampliação da rede municipal de ensino para atender à demanda crescente;

Investimentos consistentes em infraestrutura escolar;

Fortalecimento da Educação Infantil como base do processo educacional;

Políticas de formação continuada para professores;

Integração entre Educação, Assistência Social e Cultura, ampliando o cuidado integral da criança.

- A condução da pasta exigia diálogo constante com professores, gestores, servidores e famílias. Educação é território sensível. Cada decisão repercute diretamente na vida das pessoas.
- Mais do que indicadores, havia concepção.
- A escola precisava ser espaço de aprendizado, mas também de proteção social e formação cidadã.
- Em 2012, foi reeleito Vice-Prefeito, o que representou reconhecimento público do trabalho desenvolvido. A continuidade não era automática — era construída.
- Após cinco anos à frente da Educação, recebeu novo desafio: assumir a Secretaria Municipal de Governo.
- A função exigia outro nível de atuação. Se a Educação demanda visão pedagógica e administrativa, a Secretaria de Governo exige leitura política permanente, articulação institucional e capacidade de negociação.
- Ali, Jaime passou a coordenar políticas intersetoriais, dialogar com o Legislativo, alinhar secretarias e sustentar decisões estratégicas do Executivo.
- Governar revelou-se exercício de equilíbrio.
- Equilíbrio entre técnica e política.
- Entre orçamento e demanda social.
- Entre planejamento e imprevisibilidade.
- Foi nesse período que consolidou uma compreensão madura sobre liderança pública: governar não é agradar. É sustentar decisões difíceis com serenidade.
- Enquanto exercia funções de alta responsabilidade administrativa, enfrentou mais uma perda pessoal profunda.
- Em agosto de 2013, faleceu sua mãe, Ilda Cruz, vítima de complicações decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral.
- Ilda foi mulher de força silenciosa. Criou dez filhos, sustentou a casa nos períodos mais difíceis e insistiu na educação como caminho de transformação.

A despedida foi marcada por dor e gratidão. Não havia culpa pendente. Havia consciência de dever cumprido como filho.

A perda da mãe reforçou uma convicção que sempre o acompanhou: honrar pai e mãe não é discurso — é prática cotidiana.



Jaime Cruz e Ilda Cruz - Honrar Pai e Mãe sempre foi um compromisso Sagrado

Poucos meses depois, em março de 2014, o então Prefeito Milton Serafim comunicou que, por motivos pessoais, renunciaria ao cargo. Conforme previsto legalmente, caberia ao Vice-Prefeito assumir a Prefeitura Municipal.

No dia 29 de março de 2014, Jaime Cruz tomou posse como Prefeito de Vinhedo.

O local da posse era o mesmo onde, décadas antes, sua família havia desembarcado ao chegar à cidade. O simbolismo era inevitável.

A imprensa local registrou o momento com manchete direta:

“Da Favela para a Prefeitura.”

Mas, para além da frase de impacto, havia algo mais profundo: a consolidação de uma travessia construída com responsabilidade.

A posse não representava ponto de chegada.

Representava o início do maior desafio institucional de sua trajetória.

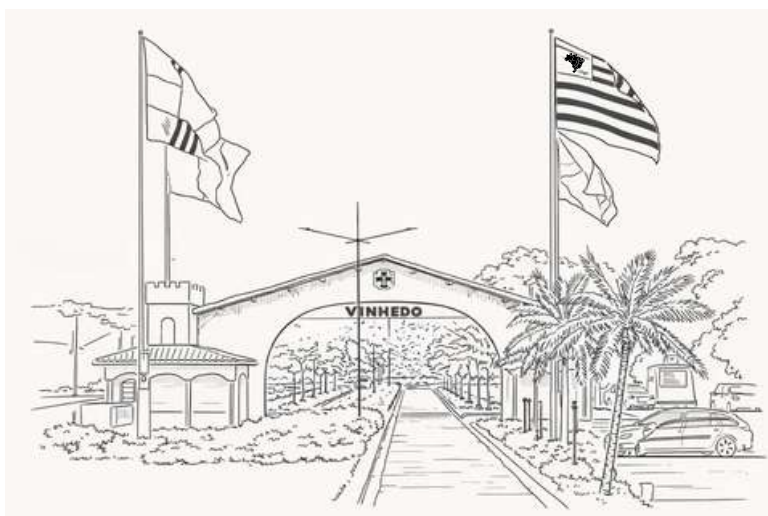


“Da favela à Prefeitura”  
A frase já resume toda sua caminhada

Posse como Prefeito Municipal de Vinhedo.



Posse Prefeito de Vinhedo - 29/03/2014



## Capítulo 9 — Prefeitura, Crise e Responsabilidade Histórica

Assumir a Prefeitura de Vinhedo em 29 de março de 2014 não foi apenas continuidade administrativa. Foi transição em meio a cenário nacional de instabilidade econômica e descrédito político crescente.

O Brasil atravessava retração fiscal, desaceleração econômica e queda de arrecadação. Municípios dependentes de transferências estaduais e federais enfrentavam restrições orçamentárias severas. A margem para erro era mínima.

O primeiro movimento da nova gestão foi técnico e silencioso: diagnóstico fiscal detalhado.

Foram analisados contratos vigentes, compromissos financeiros assumidos, estrutura de despesas correntes, passivos ocultos e projeções de receita. A leitura precisa dos números antecedeu qualquer decisão política.

Governar exige conhecer limites.

A diretriz central foi clara: preservar equilíbrio fiscal e garantir continuidade dos serviços essenciais.

A gestão adotou postura pragmática:

Revisão criteriosa de contratos administrativos;

Contenção de despesas não prioritárias;

Priorização de investimentos estruturantes;

Manutenção de políticas sociais essenciais;

Diálogo constante com Tribunal de Contas e órgãos de controle.

Decisões impopulares tornaram-se inevitáveis. Cortes, revisões e reprogramações orçamentárias exigiram firmeza institucional.

Ao mesmo tempo, o ambiente político começava a se tensionar.

A sucessão municipal já movimentava grupos políticos. O debate na Câmara tornou-se mais intenso. Projetos passaram a ser analisados sob lógica eleitoral, e não apenas administrativa.

A gestão optou por não personalizar o conflito.

A estratégia foi institucional: responder tecnicamente, manter diálogo aberto e evitar confrontos desnecessários.

Em 2016, Jaime enfrentou quatro adversários em eleição marcada por ataques pessoais e ambiente polarizado. A campanha foi acirrada. A oposição apostava no desgaste natural de quem ocupa o poder. Jaime Cruz escolheu Claudinéia Vendemiati Serafim como vice-prefeita, uma mulher de fé, comprometida com o social e ações em prol da vida humana.

A narrativa adotada foi a da responsabilidade administrativa e continuidade estrutural.



Atividades e Caminhadas nas eleições de 2016

O resultado confirmou a estratégia: reeleição.



Notícia: B em Outubro de 2016 - Ano 32

11/100 | jornaldosinistros.br | R\$ 3,00



ESPUTA | 10/10

## Jaime Cruz vence a eleição mais acirrada da história

No último domingo, quase 8 mil pessoas não compareceram às urnas, de um total de 55 mil eleitores cadastrados na cidade

Jaime Cruz (PSDB) foi eleito prefeito de Vinhedo em eleição mais acirrada da história da cidade. Ele foi o

mais votado com 29,86% do total de votos válidos, seguido de Dário Pacheco (PTB) com 28,17%, que ficou em

segundo, e Marta Lelo (PSB), que recebeu 26,42% do total. A diferença entre Jaime e Dário foi de apenas 1,71

votos. Além disso, os dados mostram a acirração, pois são os eleitores faltantes, somente 15,343 registros

o prefeito eleito recebeu 11.638 votos. Na votação de domingo, o certo diferencial foi a sim-

plexa nas proximidades das urnas que, desde 2008, são feitas partidas com os conhecidos testinhos.



Vinhedo, 01 de Janeiro de 2017

Vice-Prefeito em ato avaliado no dia 1º de Janeiro de 2017, às 12h, na Prefeitura de Vinhedo

**Cm. Jaime Cruz Cruz, Prefeito Municipal** eleito para o quinquênio 2017 a 2020 declara que esta dota o cargo de Prefeito Municipal na forma que consta em seu Diário Municipal, bem como a vontade popular manifestada por ocasião da eleição de 02 de Outubro de 2016!

Neste momento em que eu assumo no nome executivo do cargo de Prefeito Municipal, assumo e meu propósito de trabalhar em benefício de Vinhedo e de seu povo, sempre correspondendo à confiança que me é confiada e para que se concretize o progresso e o bem-estar de todos, como compromisso de quem faz jus pela Constituição Federal, a legislação do Estado de São Paulo e a Lei Orgânica Municipal, assim como observar e cumprir em geral, promovendo o bem geral e o progresso e a elevação e o cargo sob a inspiração da democracia, da dignidade e da lei, sob as bênçãos de Deus.

Vinhedo, 1º de Janeiro de 2017

*Jaime Cruz Cruz*  
Jaime Cruz Cruz  
Prefeito Municipal

Jaime Cruz, o filho Giovanni Cruz e esposa Jaqueline Cruz Assumindo o cargo de Prefeito de Vinhedo para o período de 01/01/2017 a 31/12/2020

A oposição tornou-se mais organizada e mais combativa no Legislativo. O embate extrapolou divergência administrativa e assumiu caráter permanente de enfrentamento político.

Projetos estruturantes enfrentaram resistência sistemática. O desgaste institucional era constante.

Manter serenidade passou a ser exercício diário.

Enquanto o cenário político se intensificava, crises externas de grande magnitude atingiram o município.

Vinhedo enfrentou crise hídrica severa inserida no contexto estadual de escassez de água. A gestão precisou adotar medidas emergenciais, coordenar abastecimento e preservar infraestrutura de saneamento sob pressão.

Posteriormente, a greve nacional dos caminhoneiros impactou o abastecimento de combustível, medicamentos e insumos básicos. A Administração municipal precisou atuar com agilidade para evitar paralisação de serviços essenciais.

E, no encerramento do segundo mandato, a pandemia da COVID-19 impôs o maior desafio administrativo da história recente.

Foi necessário reorganizar a rede municipal de saúde, estruturar protocolos sanitários, coordenar ações intersetoriais e equilibrar impacto econômico com preservação da vida.

Decidir nesse contexto exigia ponderação entre saúde pública, atividade econômica e estabilidade social.

Ao longo do mandato, também foram adotadas medidas estruturantes como a reabertura da Santa Casa de Vinhedo, garantindo retomada de atendimento hospitalar no município — decisão que envolveu articulação política, reorganização financeira e responsabilidade administrativa.

# Santa Casa reabre hoje com todos os setores funcionando

Hospital ficou quase dois anos em reforma, realizada com recursos da Prefeitura por meio de uma intervenção administrativa



Após quase 20 meses de obras de reforma, a Santa Casa está reintegrada ao seu núcleo, quando todos os serviços voltam a funcionar, incluindo a UTI, o Centro Cirúrgico e a Maternidade. Além de ampliar seus serviços, o hospital recebeu novos e modernos equipamentos. Nesta edição, o TV Star se dedica a este período de reabertura.

**LIBEROU** 09/02/2017

## Concurso público define nova data das provas

A Prefeitura informou nesta sexta-feira, 9, que firmou um Termo de Ajustamento de Contas para iniciar as provas do concurso público. Veja as últimas notícias.

**SANEJAM** 09/02/2017

## Conta de água já apresenta reajuste acima dos 14%

Desde sexta-feira, dia 9, 14,27% nas contas de água e esgoto são vistas o reajuste de cinco dos municípios.

**PCS-REFORMA** - Prefeito Jaime Cruz, um dos responsáveis pela reabertura, posa com uma filha no novo Centro Cirúrgico



Reaberta em 2016, a Santa Casa voltou a pulsar como símbolo de cuidado, reconstrução e compromisso público — uma conquista histórica que reafirmou a prioridade pela vida e pela dignidade da população.

## Jaime Cruz é eleito presidente do Conselho da RMC

19 de fevereiro de 2019



O prefeito Jaime Cruz (PSDB) foi eleito nesta terça-feira, 19, presidente do Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

### Jaime Cruz foi eleito para presidir a Região Metropolitana de Campinas (20 cidades)

Além da gestão municipal, Jaime exerceu funções regionais estratégicas:

- Presidência do Conselho de Prefeitos da Região Metropolitana de Campinas;
- Presidência da ARES-PCJ;
- Presidência da COHAB Campinas;
- Presidência do Consórcio Intermunicipal das Frutas.

A atuação regional ampliava responsabilidade e exigia visão integrada.

Ao final de 2020, a Prefeitura foi entregue à nova gestão com contas equilibradas, estrutura administrativa organizada e cenário favorável ao crescimento gradual da arrecadação, impulsionado pela instalação de empresas durante o período.

Ao encerrar o ciclo na Prefeitura, uma conclusão se impunha com clareza:

*A política, quando exercida com seriedade,  
cobra preço alto.*

*Há desgaste, incompreensão e solidão decisória.*

*Mas há também tranquilidade de consciência quando  
princípios não são negociados.*

*Os cargos passam.*

*As pessoas ficam.*



Site da Prefeitura Municipal de Vinhedo  
Galeria de Prefeitos

## PARTE V — SÍNTESE E LEGADO

### Capítulo 10 — Fé, Serviço e Legado

Após atravessar os mais altos níveis da responsabilidade pública, conduzindo um município em meio a crises políticas, econômicas e sanitárias, restou uma pergunta essencial:

O que permanece?

Cargos são transitórios. Mandatos têm prazo. Conjunturas políticas se alteram. O poder institucional, por definição, é temporário.

Mas valores permanecem.

Ao longo da trajetória, Jaime aprendeu que a política só encontra sentido quando está a serviço da vida concreta das pessoas. Governar não é administrar números isoladamente. É responder por decisões que impactam histórias reais.

A fé, presente desde a infância, nunca foi instrumento de discurso. Foi estrutura silenciosa.

Nos momentos de maior tensão administrativa, quando decisões exigiam equilíbrio entre técnica e pressão política, a espiritualidade funcionava como eixo interior. Não para afastar conflitos, mas para manter coerência.

A participação contínua na Igreja Católica, nos grupos de oração, na liturgia e no serviço comunitário nunca foi abandonada, mesmo nos períodos de maior exposição pública.

A fé não substitui responsabilidade. Sustenta-a.

Outro pilar importante foi o envolvimento constante em espaços de escuta, ajuda mútua e reconstrução pessoal. Ali, a autoridade pública se desfaz e permanece apenas o ser humano.

Essa experiência ensinou algo fundamental: ninguém governa sozinho.

Ninguém se sustenta sozinho.

Com o encerramento dos mandatos eletivos, a atuação pública assumiu nova forma. O foco deixou de ser o cargo e passou a ser o impacto.

Jaime passou a contribuir por meio de assessoria técnica, formação de lideranças, apoio à gestão pública e colaboração institucional, orientado pela experiência acumulada.

O legado não se mede apenas por obras físicas ou por mandatos exercidos. Mede-se pela capacidade de formar pessoas, fortalecer instituições e inspirar responsabilidade.

Ao olhar para trás, não há narrativa de vitória fácil.

Há perdas. Há enfrentamentos. Há decisões difíceis.

Há travessia.

Da infância em um rancho de madeira no interior do Paraná ao exercício da chefia do Executivo municipal, o percurso revela algo que não pode ser reduzido a cargos: a formação de caráter.

Origem não determina destino.

Mas responsabilidade determina legado.

A política continuará sendo espaço de disputa, de tensão e de conflito.

Isso faz parte de sua natureza. O desafio permanente é exercê-la com coerência.

A maturidade ensina que governar não é controlar todas as variáveis. É assumir as consequências das decisões tomadas.

Se há algo que permanece como síntese de toda a trajetória, talvez seja isto: Servir é maior do que aparecer.

E quando os cargos passam — como inevitavelmente passam — o que fica é a consciência tranquila de ter feito o possível dentro das circunstâncias disponíveis.

A luz que atravessou as frestas naquele 26 de junho de 1968 não anunciava poder. Anunciava possibilidade.

Possibilidade de construir dignidade mesmo em cenário adverso.

Possibilidade de transformar dor em responsabilidade. Possibilidade de fazer da política um instrumento de serviço.

A travessia não se encerra com o fim do mandato.

Ela continua na forma como se escolhe viver.

Encerramento

## ENCERRAMENTO

*Se a vida lhe parecer  
estreita, lembre-se:  
a luz não precisa de  
grandes aberturas.  
Basta uma fresta.  
E coragem para seguir.*

*Jaime Cruz*



## CONCLUSÃO — ENTRE FRESTAS E HORIZONTES

Este livro não foi escrito para encerrar uma história.

Foi escrito para organizá-la no tempo.

A trajetória aqui registrada não oferece atalhos nem idealizações. Revela uma vida atravessada por circunstâncias reais, escolhas difíceis e consequências assumidas.

O percurso não foi linear. Houve avanços e rupturas, êxitos e perdas que jamais se superaram. Houve momentos de afirmação pública e períodos de silêncio interior. Houve decisões que exigiram coragem e outras que exigiram contenção.

Ao longo da caminhada, tornou-se evidente que governar não é controlar resultados, mas assumir responsabilidades. Liderar não é ocupar cargos, mas sustentar princípios quando as circunstâncias pressionam na direção oposta.

A infância simples não foi obstáculo. Foi formação.

A migração não foi fragilidade. Foi escola.

A dor não foi interrupção. Foi aprofundamento.

O exercício da vida pública revelou uma verdade incontornável: o poder é transitório, mas o caráter é permanente.

Cargos passam. Mandatos terminam. Reconhecimentos envelhecem.

O que permanece é a coerência entre discurso e prática.

Fora da visibilidade institucional, a vida continua exigindo as mesmas virtudes que sustentaram os momentos mais altos da responsabilidade pública: disciplina, fé, escuta e serviço.

Talvez o maior legado não esteja nas obras concluídas ou nos cargos ocupados, mas na capacidade de inspirar responsabilidade em outros.

Se algo pode sintetizar esta travessia, é isto:

A luz que atravessa a fresta não escolhe a grandiosidade da abertura.

Ela apenas entra.

# Entre Frestas e Horizontes

Jaime Cruz nasceu em um rancho simples no interior do Paraná, atravessou a infância marcada pela migração, pela pobreza e pelo trabalho precoce, e construiu uma trajetória improvável na vida pública brasileira.

Entre favelas, movimentos populares, Igreja, Câmara Municipal, secretarias, Vice-Prefeitura e Prefeitura, sua história revela que liderança não nasce do privilégio, mas da experiência concreta com a vida real das pessoas.

Este não é um livro sobre vitórias fáceis.

É um relato honesto sobre escolhas difíceis, perdas irreparáveis, fé silenciosa e responsabilidade histórica. Uma narrativa que conecta origem, serviço público e legado, sem romantização, mas com humanidade.

“Entre Frestas e Horizontes” é mais do que uma biografia.

É um registro de travessia, um documento de memória e um convite à reflexão sobre ética, compromisso e sentido na vida pública.

Porque algumas histórias não servem para exaltar o passado –servem para iluminar caminhos futuros”

Jan/2026